



Eco e inadequação em enunciados irônicos

Echo and inadequacy in ironic utterances

PISKORSKA, Agnieszka¹
University of Warsaw, Poland
a.piskorska@uw.edu.pl

Tradução
ALMEIDA, Tiago Lessas José de²
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
tiago.lessas@academico.ufpb.br

RESUMO: Diversos estudos experimentais demonstraram que as condições necessárias para a compreensão da ironia incluem a alusão a outra representação como um enunciado ou pensamento, e a inadequação contextual evidente, também denominada violação de uma máxima Griceana. Este artigo adota o modelo de compreensão inferencial da Teoria da Relevância, que propõe o ajuste mútuo e paralelo entre o conteúdo explícito e as implicaturas, a fim de investigar o papel dessas condições e, de modo mais geral, o papel da proposição literalmente expressa por um enunciado irônico para orientação do ouvinte ao longo do processo interpretativo. Sustenta-se que, embora tanto o caráter alusivo quanto a inadequação de um enunciado devam ser identificados durante o processamento, um deles pode, inicialmente, mostrar-se mais saliente e desempenhar um papel decisivo no desencadeamento de um percurso interpretativo irônico, isto é, aquele em que os principais ganhos cognitivos decorrem da exploração da semelhança com outra representação e da identificação da atitude de desaprovação do falante. Entre os casos em que a inadequação contextual evidente se mostra particularmente proeminente, dedica-se atenção especial às ironias absurdas, como *Sou a Rainha de Sabá*, que têm sido analisadas, no âmbito da Teoria da Relevância, como instâncias de eco da absurdidade do ato de fala precedente. Argumenta-se que tais ironias também são alusivas em nível de conteúdo, por meio de implicaturas fortes que expressam eco de pensamentos atribuídos ao autor do enunciado ou da pergunta anterior.

Palavras-chave: Ironia verbal; Uso ecóico; Metarrepresentação; Semelhança interpretativa; Proposição literalmente expressa.

ABSTRACT: A number of experimental studies have established that the conditions for irony comprehension include allusion to another representation, such as an utterance or a thought, and blatant contextual inadequacy, also referred to as flouting of a Gricean maxim. This paper adopts the relevance-theoretic model of inferential comprehension positing the mutual parallel adjustment of explicit content and

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7297-1776>/Scopus ID: 26868069600.

² ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4774-240X>/Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1726595948048132>.





implicatures to investigate the role of these conditions, and more generally, of the proposition literally expressed by an ironic utterance in guiding the hearer through the interpretation process. It claims that although both the allusive character and inadequacy of an utterance must be identified in the course of processing, one of them can be initially more salient and play a decisive role in triggering an ironic interpretative path, i.e. one in which the main cognitive benefits stem from exploiting resemblance to another representation and identifying the speaker's disapproving attitude. Among cases in which blatant contextual inadequacy is highly prominent, special attention is given to absurd ironies, such as *I'm the Queen of Sheba*, which have been analysed in Relevance Theory as instances of echoing the absurdity of the preceding speech act. I argue that such ironies are allusive also on the level of content through strong implicatures carrying echo to thoughts attributed to the utterer of the preceding statement or question.

Keywords: Verbal irony; Echoic use; Metarepresentation; Interpretive resemblance; Literally expressed proposition.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Teoria da Relevância (doravante TR), a ironia verbal consiste em ecoar uma representação (por exemplo, um pensamento ou enunciado) atribuída a um indivíduo ou a um grupo de pessoas, e em expressar uma atitude dissociativa em relação a essa representação (Sperber; Wilson, 1978, 1981, 1986, 1998a; Wilson, 2006, 2009, 2013; Wilson; Sperber, 1992, 2012; Curcó, 2000; Yus, 1998, 2000, 2016). Nessa perspectiva, um enunciado irônico alcança relevância quando o ouvinte reconhece sua função alusiva, identifica a representação à qual ele alude, atribui a ele a uma determinada fonte e identifica a atitude de dissociativa (desdenhosa, depreciativa, zombeteira ou crítica) do falante. O processamento de um enunciado como irônico está, portanto, orientado primordialmente para a identificação de uma suposição que o falante pretende ridicularizar. Entre os sinais que acionam a interpretação nessa direção, estão sinais prosódicos e paralinguísticos, como a característica entonação inexpressiva³, expressões faciais e gestos, bem como

³ N.T.: O termo original usado no artigo e vertido como *entonação inexpressiva* se refere ao vocábulo *deadpan* (em inglês). Este termo é comumente usado para descrever comediantes que usam recursos humorísticos de forma deliberada para apresentar expressões sem variação de linguagem corporal e de emoção.





sinais presentes no conteúdo proposicional do enunciado irônico. Dentre estes últimos, o mais amplamente reconhecido parece ser a inadequação contextual manifesta, que se apresenta como falsidade, subestimação, hipérbole ou aparente irrelevância. Essa característica era capturada pelas definições tradicionais de ironia sob a mesma ótica do dizer uma coisa e querer dizer outra. Como qualquer abordagem alusiva da ironia sustentaria, há outra característica fundamental dos enunciados irônicos: eles devem guardar alguma semelhança com uma representação à qual aludem, pois, sem isso, o ouvinte seria incapaz de identificar a suposição que está sendo ridicularizada.

Adotando a abordagem da Teoria da Relevância para a ironia, este artigo se concentra em duas características do conteúdo dos enunciados irônicos, a saber, a inadequação manifesta e a semelhança com outra representação⁴, demonstrando como elas são exploradas na comunicação do significado do falante e como desencadeiam a interpretação pretendida pelo falante. Sustento que todos os enunciados irônicos dependem da identificação dessas duas características-chave durante o processamento. Nesse sentido, me posicionando contra abordagens que postulam mecanismos de processamento distintos — como o fingimento — para um subconjunto de enunciados irônicos (p. ex., Kumon-Nakamura *et al.*, 1995) e contra perspectivas que propõem classes distintas de ironia (p. ex., Kapogianni, 2011; Dynel, 2013). Reconhecendo que as duas características-chave podem não ser igualmente salientes na proposição expressa literalmente — o que concerne especialmente aos enunciados ecóicos, já que em alguns casos não é imediatamente aparente à qual representação a proposição alude —, demonstro como essa característica pode emergir durante a compreensão, à medida que as implicaturas do enunciado são derivadas. A explicação proposta baseia-se na concepção teórica da relevância para o processo de compreensão como um *ajuste paralelo e mútuo* (Sperber; Wilson, 1998b/2012). Tal concepção, como também destaco, oferece a

⁴ A semelhança com outra representação será doravante designada pelo termo técnico *eco*, em conformidade com a abordagem da Teoria da Relevância (TR) para a ironia, apresentada em detalhe na seção 3.





possibilidade de reconciliar duas visões aparentemente opostas sobre o processamento da ironia: a perspectiva do acesso direto (*direct access view*, do inglês) e a perspectiva da saliência gradual (*graded salience view*, do inglês).

Ao discutir o papel da inadequação manifesta e dos enunciados ecóicos na interpretação irônica, será dada atenção especial a respostas ou comentários absurdos, como *E eu sou o Papa*, proferido em resposta a uma declaração de credibilidade duvidosa. Nesses casos, não parece haver qualquer semelhança óbvia entre o conteúdo do enunciado e qualquer outra suposição que pudesse ser alvo de uma atitude de dissociação. Tais enunciados são analisados como exemplos de ironia não ecóica por Kapogianni (2011). Esses tipos de enunciado não foram extensivamente tratados na TR, com exceção de uma breve discussão apresentada por Wilson (2000/2012). Este artigo demonstra como as ironias absurdas podem ser explicadas em termos ecóicos, utilizando apenas os instrumentos teóricos que já são independentemente motivados no arcabouço da Teoria da Relevância.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: a próxima seção discute duas noções pertinentes à compreensão da ironia, a saber, a *semelhança interpretativa* e a *metarrepresentação*. A Seção 3 apresenta a abordagem ecóica da ironia e uma visão geral de estudos experimentais que confirmam a realidade psicológica das duas propriedades essenciais dos enunciados irônicos, isto é, o *eco* e a *inadequação ridicularizadora*. A Seção 4 descreve o processo de *ajuste paralelo e mútuo* e avança a tese de que esta concepção de compreensão explica de forma natural como a proposição expressa literalmente é explorada no processo compreensivo, sem, no entanto, ser comunicada explicitamente. A seção explora ainda as duas propriedades-chave da ironia, demonstrando que elas podem estar presentes em diferentes graus e se manifestar ao ouvinte em fases distintas do *ajuste paralelo e mútuo*. A Seção 5 apresenta alguns exemplos de *ironias absurdas*, para as quais é proposta uma explicação em termos ecóicos. A Seção 6 discute brevemente os efeitos do uso de vários tipos de enunciados irônicos, e finalmente, a Seção 7 oferece algumas considerações finais





2. SEMELHANÇA INTERPRETATIVA E METARREPRESENTAÇÃO

Nesta seção, pretendo caracterizar duas noções que influenciam a produção e a compreensão da ironia: a semelhança interpretativa e a metarrepresentação. A primeira origina-se de uma distinção entre dois modos de uso da linguagem: o descritivo e o interpretativo (Sperber; Wilson, 1986/1995). Os usos descritivos são aqueles em que os falantes pretendem expressar seus próprios pensamentos sobre estados de coisas num mundo possível ou atual, enquanto no uso interpretativo, um enunciado pretende representar outro enunciado ou pensamento ao qual se assemelha em conteúdo.

A semelhança envolve o compartilhamento de características. Geralmente, a semelhança entre dois objetos é uma noção de base gradual e abrange um contínuo de casos, desde a identidade de todas as características até o compartilhamento de apenas uma delas. Nos estudos cognitivos, é importante compreender como a semelhança é explorada em situações reais, em vez de estabelecer condições sobre o grau de semelhança envolvido. Um globo pode ser objetivamente uma representação mais fiel da Terra do que uma maçã, mas, ao explicar os movimentos planetários para uma criança, um pai pode usar uma maçã para representar a Terra e uma lâmpada para representar o Sol, simplesmente porque estes objetos estão disponíveis na cozinha, onde a discussão ocorre. Dessa mesma forma, na comunicação verbal, os falantes podem produzir um enunciado com a intenção de assemelhá-lo a outro enunciado ou pensamento não necessariamente por ser extremamente similar a essa outra representação, mas porque é fácil e natural formulá-lo. Se Eric acha que o uso de *smartphones* é prejudicial para as crianças, e Kate diz (1) com a intenção de relatar a opinião dele sobre o assunto, ela está usando o enunciado de forma interpretativa, para representar um pensamento que ela lhe atribui:





(1) Usar smartphones não é bom para as crianças.

Apesar das diferenças entre o pensamento de Eric (ao qual, afinal de contas, não temos acesso direto) e o enunciado de Kate (1), pode ser uma representação suficientemente fiel da visão que ela tacitamente atribui a Eric. Pensamentos e enunciados podem ser abertamente atribuídos, como em:

(2) Eric acha que o uso de *smartphones* não faz bem às crianças.

Tanto em (1) quanto em (2), a suposição de que o uso de *smartphones* é prejudicial para as crianças está metarrepresentada, pois não é diretamente assumida como uma crença do falante, mas sim incorporada (tacitamente em (1) e abertamente em (2)) sob uma representação de ordem superior. Como argumenta Wilson (2000/2012, p. 243), “todas as variedades de metarrepresentação — pública, mental e abstrata — podem ser analisadas em termos de uma noção de *representação por semelhança*”⁵ (*grifos do autor*). A semelhança, por sua vez, apresenta duas variedades: a metalinguística, que “aumenta a saliência de propriedades formais ou linguísticas”⁶, e a interpretativa, que “aumenta a saliência de propriedades semânticas ou lógicas”⁷ (Wilson, 2000/2012, p. 244). Assim, o uso interpretativo é uma subvariedade dos usos metarrepresentacionais da linguagem, e a semelhança interpretativa é um tipo de relação que pode existir entre um enunciado e uma suposição fonte que ele visa representar.

Vale notar que, embora um enunciado possa ser usado para metarrepresentar outro enunciado com base numa combinação de semelhança metalinguística e interpretativa, um enunciado que pretende ser relevante como uma metarrepresentação de um pensamento só pode contar com a

⁵ Do original: “all varieties of metarepresentation, public, mental and abstract, can be analysed in terms of a notion of *representation by resemblance*”.

⁶ Do original: “increases the salience of formal or linguistic properties”.

⁷ Do original: “increases the salience of semantic or logical properties”.





semelhança de conteúdo, já que pensamentos não possuem propriedades linguísticas. Avaliar o grau de semelhança nesse caso está longe de ser simples — o falante de (1) ou (2) pode nunca ter ouvido Eric expressar sua opinião diretamente sobre *smartphones*. Neste caso, a opinião que lhe foi atribuída pode ter sido inferida com base em seu comportamento observável, por exemplo, uma expressão facial de reprovação que Kate notava sempre que seu próprio filho brincava com algum dispositivo eletrônico.

Um enunciado usado para metarrepresentar outro enunciado pode compartilhar com ele pelo menos algumas propriedades linguísticas. Tendo lido um artigo de jornal intitulado “*Tablets and smartphones may affect social and emotional development, scientists speculate*”⁸, o falante pode produzir um relato indireto de seu conteúdo, dizendo (3):

(3) (O jornal *The Guardian* afirma) que brincar com *smartphones* não faz bem às crianças.

com o objetivo de dissuadir uma amiga de manter seu filho pequeno ocupado brincando com um *smartphone*. No entanto, como ocorre com todos os relatos indiretos, os falantes não buscam tornar seus enunciados relevantes garantindo uma grande semelhança com a formulação original: eles frequentemente usam frases que manifestamente não poderiam ter sido usadas no enunciado fonte, como por exemplo, *não faz bem* para referir-se ao título de uma reportagem. A semelhança interpretativa, portanto, não requer qualquer similaridade linguística na superfície verbal entre uma representação fonte e sua metarrepresentação, e não é necessariamente maior quando tal similaridade existe. Em vez disso, ela pode ser definida em termos de propriedades lógicas compartilhadas entre formas proposicionais (Sperber e

⁸ N.T: Matéria do jornal *The Guardian* citada no manuscrito original inglês: “*Cientistas especulam que tablets e smartphones podem afetar o desenvolvimento social e emocional*” (tradução do original em inglês). Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2015/feb/01/toddler-brains-research-smartphones-damage-social-development>. Acesso em: 16 out. 2025.





Wilson, 1986/1995, p. 233). Wilson (2000/2012, p. 244) elabora a definição da seguinte forma:

A semelhança interpretativa é uma semelhança de conteúdo: isto é, o compartilhamento de implicações. Duas representações assemelham-se uma à outra (num contexto) na medida em que compartilham implicações lógicas e contextuais. Quanto mais implicações elas tiverem em comum, mais se assemelham entre si⁹.

Tomando a “presunção de relevância ótima”¹⁰ (Sperber e Wilson, 1986/1995, p. 270) em consideração, segue-se que os falantes que produzem enunciados intencionados como metarrepresentações visam expressar-se de maneira a transmitir as implicações desejadas da suposição fonte sem incorrer em esforço de processamento desnecessário. Para este fim, eles podem divergir da formulação original, parafraseando a mensagem, alterando o registro ou usando expressões que aumentam o acesso ao contexto pretendido. A falante de (3) pode estar usando a expressão coloquial *não faz bem* porque a considera mais fácil de processar do que *afetam o desenvolvimento social e emocional* e também porque facilita o acesso a suposições sobre comportamentos prejudiciais e suas consequências negativas, concedendo, assim, acesso à implicação pretendida de forma bastante eficaz.

Do ponto de vista da otimização da relevância através dos atos de se elicitar as implicações pretendidas e de economizar custos de processamento, nos casos em que há uma única implicação claramente pretendida, a estratégia mais eficaz pode ser comunicá-la explicitamente, por exemplo, proferindo (4) em vez de (3):

⁹ Do original: “Interpretive resemblance is resemblance in content: that is, sharing of implications. Two representations resemble each other (in a context) to the extent that they share logical and contextual implications. The more implications they have in common, the more they resemble each other”.

¹⁰ Do original: “presumption of optimal relevance”.





(4) (O jornal *The Guardian* afirma) que não se deve acalmar crianças pequenas dando-lhes dispositivos eletrônicos para brincar.

De fato, essa estratégia é frequentemente adotada quando os falantes receiam que seus interlocutores possam não conseguir chegar às implicações pretendidas por si mesmos. Isso há muito é reconhecido nos estudos da tradução, uma vez que, na comunicação interlinguística, pode ser notoriamente difícil para o público da língua-alvo processar um texto no contexto originalmente previsto pelo autor e derivar as inferências pretendidas. As vantagens e desvantagens dessa estratégia, referida como *explicitação* (Vinay e Darbelnet, 1995) ou *tradução indireta* (Gutt, 2000), são bem conhecidas¹¹. Basta dizer que, na comunicação monolíngue e face a face, os falantes que optam por explicitar uma implicação normalmente aumentam sua determinabilidade e força, o que, por um lado, reduz o risco de o ouvinte não compreender a mensagem, mas, por outro, priva o falante dos benefícios da comunicação implícita ou fraca (ver Sperber; Wilson, 1986, 2008; Jodłowiec, 2012; 2015). Adicionalmente, isso pode criar a impressão de que o falante está tratando o ouvinte de forma paternalista.

Em busca da relevância alcançada por meio da semelhança interpretativa, os falantes podem optar pela direção oposta, como observado por Wilson (2000/2012, p. 231, 243, *exemplos 3 e 11, aqui citados como 5 e 6, respectivamente*): quando Maria critica Pedro por não estar se esforçando o suficiente, ela pode produzir um dos seguintes enunciados:

(5) **Você está negligenciando seu trabalho.**

(6) **Você passa tempo demais no teatro.**

¹¹ O nome da estratégia “tradução indireta” (*indirect translation*, do inglês) foi introduzido por analogia ao *relato indireto*, como explica Gutt (2000, p. 136).





Supondo que (5) corresponda de perto ao conteúdo proposicional da opinião que Maria (ou outra pessoa) tem sobre Pedro, e (6) seja o que ela escolhe dizer, seu enunciado “apenas implica contextualmente ou implica que Pedro está negligenciando seu trabalho”¹² (Wilson, 2000/2012, p. 243). Evidentemente, portanto, em algumas ocasiões, os falantes produzirão enunciados que expressam não implicações, como em (4), mas, inversamente, implicam representações às quais se pretende uma semelhança interpretativa, esperando que os ouvintes derivem as implicações pretendidas por si mesmos. Neste caso, os falantes podem aumentar um pouco o risco de o ouvinte não compreender o *significado pretendido pelo falante (afinal, Pedro poderia pensar que Maria objeta principalmente ao fato de ele gastar dinheiro indo ao teatro, em vez de à sua atitude em relação ao trabalho), mas, ao mesmo tempo, exploram os benefícios da comunicação implícita, como transmitir uma gama mais ampla de suposições mais fracas.

As habilidades metarrepresentacionais em geral¹³ e a capacidade de explorar a semelhança interpretativa em particular são empregadas em todo ato de comunicação humana. Sperber (2000a, p. 121) observa que

[os] falantes, ao produzirem um enunciado, e os ouvintes, ao interpretá-lo, representam mentalmente esse enunciado como um portador de conteúdo especificado, ou seja, eles o metarrepresentam¹⁴.

Nesse sentido, o autor argumenta também a favor de duas teses relacionadas: que as habilidades metarrepresentacionais são um pré-requisito para a comunicação ostensivo-inferencial e que elas apareceram na evolução humana antes do desenvolvimento da comunicação linguística. Aceitar essas

¹² Do original: “merely contextually implies or implicates that Peter is neglecting his job”.

¹³ Na Teoria da Relevância, a noção de metarrepresentação tem sido aplicada a uma variedade de fenômenos, por exemplo, *relatos indiretos*, *perguntas ecóicas*, *negação metalinguística* (Noh, 2000), *enunciados fáticos* (Padilla Cruz, 2007a), incluindo a *ironia fática* (Padilla Cruz, 2007b) e *queixas indiretas* (Padilla Cruz, 2010). Uma perspectiva mais ampla e multidisciplinar sobre a metarrepresentação é oferecida por Sperber (2000b).

¹⁴ Do original: “Speakers, in intending an utterance and hearers, in interpreting an utterance mentally represent it as a bearer of specified content, that is, they metarepresent it”.





teses leva à conclusão de que os seres humanos são muito versados em formar metarrepresentações e explorar relações de semelhança entre representações de diferentes tipos — públicas, mentais ou abstratas. Ao fazer isso, eles levam em conta as intenções do detentor/usuário dessas representações, o que requer encontrar um contexto no qual as representações se assemelham, o que também pode exigir subir ou descer em uma cadeia de inferências explorando implicações ou suposições que impliquem uma representação. Esta última observação terá repercussão na análise da ironia absurda apresentada na seção 5.

3. PROPRIEDADES DA IRONIA

Nesta seção, apresento a abordagem ecóica da ironia de Sperber e Wilson (1978; 1981) e exploro as propriedades das proposições empregadas em enunciados irônicos. Em seguida, discuto estudos experimentais selecionados que testam o papel do eco e da inadequação na compreensão da ironia. Seguindo Wilson (2006), saliento que as características da ironia podem se manifestar em diferentes graus, tornando-a um contínuo em vez de uma classe natural, com alguns casos indeterminados em suas fronteiras.

Sperber e Wilson (1978; 1981) foram pioneiros na defesa de uma abordagem alusional da ironia, que originalmente apresentaram em 1978 (a versão em inglês foi publicada em 1981) como uma abordagem da menção ecóica. Posteriormente, como os autores abandonaram a apelação a uma *distinção entre uso e menção* em favor da distinção mais geral entre *uso descritivo e interpretativo* discutida acima, a abordagem da TR para a ironia passou a ser referida como a abordagem ecóica. Alimentando-se de uma alusão a outra representação, como um enunciado ou pensamento, a ironia explora a dimensão interpretativa do uso da linguagem e, portanto, envolve metarrepresentação. Humanos com um grau menores de sofisticação mental ou comunicativa, ou comunicadores *ingenuamente otimistas* (Sperber, 1994),





incluindo crianças de até aproximadamente seis anos¹⁵, podem não ser capazes de atingir o nível de complexidade metarrepresentacional necessário para compreender e produzir ironia.

Além de sua natureza ecóica, a ironia também é caracterizada por uma atitude de dissociação (crítica, zombeteira, hostil, depreciativa, etc.) expressa em relação a uma suposição ecoada. É essencial que a suposição seja atribuída a alguém, como um indivíduo específico ou às pessoas em geral, pois, como esclarece Sperber (1984, p. 131),

O absurdo das proposições *per se* é irrelevante. O absurdo, ou mesmo a mera inadequação, de pensamentos humanos, por outro lado, torna-se um elemento que muitas vezes vale a pena ser comentado, ridicularizado, ou sobre o qual se produza ironia¹⁶.

Esta propriedade da ironia é o que explica os tons críticos frequentemente presentes (Garmendia, 2010). Tais tons podem ser fortes se a ironia for direcionada a um indivíduo ou grupo específico que violou uma norma, mas são bastante fracos se a suposição ecoada for meramente uma expectativa atribuída às pessoas em geral, como a de que o tempo deveria estar bom. A atitude crítica pode, de fato, ser tratada como um subtipo da atitude geral dissociativo-irônica, que abrange vários matizes da postura do falante em relação à suposição aludida. A gama de atitudes dissociativas, por sua vez, funde-se suavemente com outras atitudes (Wilson, 2006). Argumentavelmente, em algumas ocasiões, os falantes podem até estar expressando uma mistura de atitudes contraditórias, como admiração e zombaria em *Você é certamente um especialista*, que pode ser usado como uma expressão que elogia a expertise do interlocutor e zomba de sua arrogância ao mesmo tempo.

¹⁵ Para mais informações, consulte Wilson (2013) e as referências nele contidas para uma perspectiva do desenvolvimento sobre a ironia.

¹⁶ Do original: "Absurdity of propositions *per se* is irrelevant. The absurdity, or even the mere inappropriateness, of human thoughts, on the other hand, is often worth remarking on, making fun of, being ironic about".





Assim como a dissociação do falante pode variar em força e tipo, o caráter ecóico do enunciado também pode ser mais ou menos determinado. Quando o enunciado

(7) Todo ser humano tem direito a sol num feriado bancário.

é dito em um feriado frustrantemente frio e chuvoso, em resposta a reclamações sobre o clima, pode não ser óbvio se o falante está meramente tentando ser divertido, enunciando uma proposição absurda de que os direitos humanos incluem um direito ao sol, ou se está ecoando e ridicularizando a esperança ou expectativa de alguém por um bom tempo nessas ocasiões. A indeterminação pode permanecer sem resolução durante o processamento de (7), que pode, não obstante, ser relevante para o ouvinte ao comunicar uma série de implicaturas. Isso também pode fazer parte da constituição mental do falante — afinal, os falantes podem pretender comunicar algumas suposições sem especificamente visar ser irônicos (Gibbs, 2012).

Muitas ironias são veiculadas por enunciados flagrantemente falsos, que podem ser vistos como manifestações fortes e determinadas de inadequação. Em sua breve discussão sobre a ironia, Grice analisa exemplos desse tipo — dizer “X é um grande amigo” sobre alguém que não é (Grice, 1975; 1978). Wilson e Sperber (1992, 2012) argumentaram consistentemente que, além da falsidade flagrante, interpretações irônicas também podem surgir do uso de uma hipérbole, meiose ou outros tipos de enunciados de inadequação ridicularizadora, manifestamente, mas por vezes de forma bastante sutil, direcionando a atenção do ouvinte para uma discrepância entre a proposição expressa e a maneira como as coisas realmente são. O falante pode, por exemplo, citar um verso conhecido de um poema para expressar dissociação das implicações que essa citação poderia transmitir quando usada de forma descritiva, como quando uma pessoa diz “Ó, estar na Inglaterra / Agora que





abril é lá”¹⁷ em um dia chuvoso de primavera (exemplo discutido em Wilson e Sperber, 1992/2007, p. 37)¹⁸. Outros estudos enraizados na tradição psicolinguística também reconhecem que os enunciados irônicos envolvem mais tipos de insinceridade do que a falsidade flagrante (Gibbs, 1986; Kumon-Nakamura *et al.*, 1995), embora alguns deles contrastem ironia e hipérbole (p. ex., Colston; O’Brien, 2000).

Das três características essenciais da ironia discutidas acima — isto é, eco, inadequação ridicularizadora manifesta e atitude de dissociação — as duas primeiras são características da proposição expressa por um enunciado, enquanto a atitude pode ser pensada como uma propriedade enxertada sobre a proposição¹⁹. As duas características-chave da proposição foram testadas experimentalmente como condições para a compreensão da ironia. Especificamente concebido como um teste da teoria ecóica, o estudo de Jorgensen *et al.* (1984) demonstrou que o falante não afirma a proposição expressa literalmente por um enunciado irônico (a condição de inadequação) e que “o conteúdo proposicional do enunciado corresponde, pelo menos em parte, ao de algum enunciado, pensamento, intenção, expectativa ou norma identificável que ele pode ser considerado ecoar”²⁰ (Jorgensen *et al.*, 1984, p. 116) (a condição do eco). Kumon-Nakamura *et al.* (1995) propuseram e testaram condições similares para a compreensão da ironia, mais precisamente a *insinceridade pragmática* observada no nível da força ilocucionária (cf. Haverkate, 1990) e a *alusão a expectativas violadas*, que pode se manifestar evocando expectativas reais, elicitadas ou imaginadas. Estas também foram empiricamente confirmadas por Colston (2000/2007), que reformulou a primeira como uma condição mais abrangente de “violação de uma máxima griceana”²¹ (Colston, 2000/2007, p. 119).

¹⁷ Do original: “Oh to be in England/Now that April’s there”.

¹⁸ Citação do poema *Home Thoughts From Abroad* (Lembranças Longe da Pátria) de Robert Browning e tradução de Grünewald (1988).

¹⁹ Em termos da Teoria da Relevância, a atitude de dissociação está incorporada na explicatura de nível superior (Wilson; Sperber, 1993).

²⁰ Do original: “the propositional content of the utterance matches at least in part that of some identifiable utterance, thought, intention, expectation or norm which it can be taken to echo”.

²¹ Do original: “flouting a Gricean maxim”.





Apesar das diferenças terminológicas e metodológicas entre os três estudos, as condições para a compreensão da ironia que eles verificaram parecem coincidir em grande medida: a condição de *alusão a expectativas violadas* inclui a condição do *eco* e, ao mesmo tempo, implica a atitude de desapontamento/dissociação pela referência explícita a expectativas *violadas*. A condição de *violação de uma máxima griceana* é virtualmente idêntica à *inadequação ridicularizadora manifesta*, uma vez que, em um nível puramente descritivo, para um enunciado ser inadequado significa ser falso, super ou subinformado, flagrantemente irrelevante, estilisticamente estranho, etc.

À luz dos resultados experimentais apresentados, parece legítimo tratar o *eco* e a inadequação como propriedades estáveis, empiricamente verificadas e psicologicamente reais da ironia. No entanto, alguns pesquisadores, apesar de reconhecerem o caráter alusional de pelo menos alguns enunciados irônicos, recorrem à postulação de mecanismos alternativos, como o fingimento (p. ex., Kumon-Nakamura *et al.*, 1995; Colston, 2000) ou o *surrealismo* (Kapogianni, 2011), para dar conta de ironias cujo caráter ecóico não é imediatamente aparente. Uma vez que, como foi observado, a ironia envolve um contínuo de casos, em alguns dos exemplos menos centrais, uma das propriedades-chave pode ser fracamente saliente, mas ainda assim desempenhar um papel na recuperação da interpretação irônica. Se for esse o caso, um apelo a esses mecanismos alternativos pode não ser necessário.

4. O RECONHECIMENTO DA IRONIA – ECO E INADEQUAÇÃO EXPRESSA NA PROPOSIÇÃO

Após refletir sobre a validade empírica das condições para a compreensão da ironia, gostaria de abordar a questão de como o caráter ecóico e a inadequação ridicularizadora da proposição expressa são explorados no processo de ajuste paralelo e mútuo, bem como a relação destes com as capacidades cognitivas fundamentais discutidas na seção 2 — ou seja, com a





exploração da semelhança interpretativa e a construção de metarrepresentações.

A questão do papel do eco e da inadequação no processamento da ironia parece ser particularmente interessante à luz da controvérsia sobre o status da proposição expressa frequentemente denominada *significado literal*. De acordo com a perspectiva do *acesso direto* (Gibbs, 1986, 2002; Gibbs *et al.*, 1995), interpretações irônicas surgem sem a etapa intermediária de construir e rejeitar o significado literal. Por outro lado, na *perspectiva da saliência gradual* (Giora, 1997; 1999; 2003), os significados literais são construídos e permanecem ativos na memória, mesmo quando as interpretações irônicas pretendidas são alcançadas. Se a perspectiva do acesso direto fosse assumida em sua forma mais extrema — que o significado literal é completamente ignorado — seria difícil explicar como as propriedades da proposição expressa, ou seja, o eco e a inadequação, atuam no processo de compreensão. Por outro lado, se a perspectiva da saliência gradual fosse interpretada como implicando que a compreensão da ironia é alcançada através da consideração e rejeição de uma interpretação literal errônea, seria necessário postular um mecanismo de processamento único para a ironia e, possivelmente, outros usos metarrepresentacionais-interpretativos, distinto do mecanismo empregado para processar usos descritivos.

É necessária uma breve explicação sobre como a TR concebe o processo de compreensão inferencial que ocorre na mente do ouvinte em tempo real. De acordo com a concepção mais aceita, o significado comunicado por um enunciado é derivado por um módulo mental especializado no processo de “ajuste mútuo do conteúdo explícito e implícito do enunciado”²² (Sperber; Wilson, 1998b/2012, p. 43). Isso significa que a explicatura e as implicaturas alimentam-se mutuamente, ou, como Clark (2013, p. 145) afirma, “hipóteses sobre cada um desses elementos são trabalhadas em paralelo e

²² Do original: “mutual adjustment of the explicit and implicit content of the utterance”.





sujeitas a ajustes constantes”²³. Para ilustrar, usarei um exemplo discutido por Sperber e Wilson (1998b/2012, p. 41–42): Maria diz a Pedro: *Estou cansada*, quando eles estão visitando um museu. Pedro pode primeiro acessar a premissa implicada de que quando as pessoas estão cansadas em um museu, elas querem voltar para o hotel e relaxar. Somente após acessar essa premissa ele pode refinar o significado codificado de *cansada* para o conceito *ad hoc* CANSADA*, correspondente ao tipo de cansaço que ele acredita que Maria realmente sente. Neste percurso interpretativo, um elemento do significado implicado afeta a recuperação da explicatura, da qual o conceito *ad hoc* CANSADA* é um constituinte. Quando o significado de CANSADA* é estabelecido, ele pode ativar ainda outra premissa implicada, por exemplo, *Se Maria está CANSADA**, ela quer ir para o hotel imediatamente, o que, por sua vez, leva à construção de uma conclusão implicada: *Maria quer voltar para o hotel imediatamente*.

Quando consideramos o funcionamento do módulo de compreensão internamente, como fizemos acima, observamos que os processos inferenciais (construção de conceitos *ad hoc*, ativação de premissas implicadas, derivação de conclusões implicadas, etc.) são ordenados, sendo que alguns deles são realizados mais de uma vez, após receber *input* de outros processos. Dessa forma, várias fases interpretativas intermediárias podem ser discernidas, sobre as quais podemos especular mais precisamente. Mas como a operação do módulo de compreensão não é acessível à introspecção, esses estágios intermediários nunca surgem na mente do ouvinte, na qual apenas o produto final da operação do módulo surge como a interpretação consistente com as expectativas de relevância do ouvinte.

O ajuste paralelo e mútuo tem, assim, uma natureza dual. Por um lado, ele exhibe considerável complexidade interna, envolvendo uma série de etapas inferenciais e hipóteses interpretativas. Por outro lado, quando visto de uma perspectiva externa, ele produz uma única interpretação consistente com

²³ Do original: “hypotheses about each of these are worked out in parallel and subject to constant adjustment”.





o princípio comunicativo da relevância (Sperber; Wilson, 1986/1995, p. 260–261). Retomando as duas visões opostas sobre o processamento da ironia, a dualidade do ajuste paralelo é talvez o que as reconcilia: a perspectiva do acesso direto capta o fato de que há um produto final único do processamento inferencial, sem quaisquer interpretações intermediárias que o ouvinte tenha que rejeitar; e a perspectiva da saliência graduada aborda o fato de que, entre as hipóteses interpretativas criadas durante o ajuste mútuo, algumas delas envolvem os significados codificados das palavras e a proposição expressa literalmente. Esta explicação alinha-se bem com uma declaração recente dos proponentes da perspectiva da saliência graduada (Fein *et al.*, 2015), segundo os quais os resultados experimentais que demonstram que os significados literais não são apenas construídos, mas também retidos na memória do ouvinte são “consistentes com a abordagem teórica da relevância [...] onde ativar e reter ‘o que é dito’ é essencial para a projeção de uma atitude dissociativa em relação a este ‘dito’”²⁴ (Fein *et al.*, 2015, p. 26).

Plenamente ciente de que exigiria muito mais espaço para discutir a (in)compatibilidade entre as duas perspectivas e explicar as diferenças reais em seus respectivos resultados experimentais²⁵, adotarei a postura dualista esboçada acima, aceitando que em algum momento durante o processo de compreensão a proposição *literal* é construída como *input* para processos inferenciais posteriores, os quais dependem crucialmente do reconhecimento dessa proposição como *ecóica* e *ridicularizadamente inadequada*. Deve-se enfatizar que isso não equivale, de forma alguma, a endossar a visão de processamento em dois estágios da ironia, frequentemente atribuída a Grice, segundo a qual a ironia é invariavelmente obtida por meio de um retrocesso à primeira interpretação, literal e não intencionada. Parece que a visão de dois estágios requer que a interpretação literal seja primeiro considerada como uma

²⁴ Do original: “consistent with the relevance theoretic account [...] where activating and retaining ‘what is said’ is essential for the projection of a dissociating attitude toward it”.

²⁵ Uma explicação interessante para pelo menos parte dessas diferenças é oferecida por Bromberek-Dyzman (2010), que estabeleceu que os tempos de processamento de enunciados irônicos e não irônicos são afetados por sua valência (significado positivo ou negativo) em relação ao contexto.





asserção e, após a percepção do ouvinte de que ela não foi intencionada como tal, ocorra uma mudança da atitude proposicional de crença para a de dissociação. De acordo com natureza dual da noção do ajuste paralelo e mútuo esboçada acima, sustento que, desde que o ouvinte consiga compreender o significado irônico do falante por meio de um processamento espontâneo, a proposição literal é desenvolvida apenas para acionar um percurso de processamento metarrepresentacional e, em seguida, é imediatamente incorporada sob a atitude irônica para, subsequentemente, passar por outros processos inferenciais, produzindo conjuntamente a interpretação pretendida pelo falante como resultado.

Como, então, as duas características da proposição usadas para transmitir uma intenção irônica estão ligadas à semelhança interpretativa e à metarrepresentação? Um enunciado é reconhecido como potencialmente ecóico quando sua semelhança interpretativa com alguma outra suposição é identificada. Tal enunciado é metarrepresentado e processado como um enunciado sobre outro enunciado ou pensamento²⁶. Às vezes, a suposição fonte é facilmente acessível, como quando o interlocutor irônico está ecoando um enunciado produzido recentemente no contexto relacionado à situação atual. Isso pode ser ilustrado por um dos exemplos do estudo de Jorgensen *et al.* (1984) — Joe, que recebeu uma pista enganosa da localização da residência dos Clark, onde uma festa estava ocorrendo, e a qual supostamente identificava a casa como sendo aquela “*com uma grande árvore de bordo*²⁷ no jardim da frente, descobriu que a casa não tinha jardim algum. Mais tarde, ele comentou (Jorgensen *et al.*, 1984, p. 117):

(8) “Os Clarks têm um jardim lindo”.

²⁶ Os enunciados ecóicos constituem uma subvariedade dos usos interpretativos atributivos. O que distingue os enunciados ecóicos de outros usos atributivos, como os relatos indiretos, é o fato de que eles comunicam não apenas um pensamento relacionado a outra representação, mas também a atitude do falante em relação a ela (Sperber; Wilson, 1986/1995, p. 238).

²⁷ N.T.: *maple tree*, do inglês.





para Irma — a pessoa que o havia mal-informado. Aqui, o enunciado aludido é altamente saliente para Irma, que, afinal, o produziu ela mesma pouco antes de Joe fazer seu comentário irônico. Por causa disso, torna-se imediatamente aparente para ela que (8) pretende alcançar a relevância por meio de sua semelhança interpretativa com seu enunciado anterior. Conforme discutido na seção 2, a semelhança deve-se a implicações compartilhadas, das quais a principal parece ser *A casa dos Clarks tem um jardim* — possivelmente a representação fonte real que Joe está atribuindo a Irma e ridicularizando ao mesmo tempo. Considere também que Irma acreditava que a casa realmente tinha um jardim com um bordo, portanto, o enunciado irônico de Joe pode não ter necessariamente soado para ela como insincero ou ridicularizadamente inadequado. Dessa forma, o reconhecimento da semelhança interpretativa com outra representação atuou como o sinal mais proeminente para a ironia. A suposição da qual o ironista se dissociou foi encontrada entre as implicações compartilhadas do enunciado irônico e do enunciado aludido, sendo a suposição que torna o enunciado falso — a de que a casa não tem um jardim — derivada como uma implicatura em um estágio posterior do processamento.

Diferentemente de Irma, a destinatária imaginária do enunciado (8), os participantes do experimento de Jorgensen *et al.* sabiam que não havia jardim na história. Para eles, a falsidade da proposição expressa literalmente por (8), adicionalmente ressaltada pelo adjetivo *lindo*, era tão saliente quanto sua natureza ecóica. Ambas as características-chave da ironia foram, assim, reconhecidas instantaneamente e impactaram o processamento de (8). Em muitas ocasiões, porém, os diferentes tipos de inadequação contextual podem ser muito mais salientes do que a natureza alusiva de um enunciado. Por exemplo, quando Eric descobre que Kate está com uma forte cólica intestinal e liga para ela para perguntar como ela está, ela responde:

(9) Nunca me senti tão bem na minha vida toda.





Há uma discrepância flagrante entre a proposição expressa por (9) e a crença de Eric de que pessoas com cólica intestinal se sentem terrivelmente mal. Nenhuma suposição pode então parecer prontamente disponível para ser ecoada — Eric certamente não pensou que Kate se sentiria esplêndida ou mesmo bem. Mas a inadequação ridicularizadora manifesta no enunciado impulsiona o percurso metarrepresentacional do processamento, no qual o ouvinte é convidado a buscar no contexto uma suposição que está sendo ecoada. Neste caso, é uma expectativa baseada na norma de que as pessoas deveriam se sentir bem. Como observam Wilson e Sperber (2012, p. 142):

As normas, no sentido de ideias socialmente compartilhadas sobre como as coisas deveriam ser, estão sempre disponíveis para serem ironicamente ecoadas quando não são satisfeitas. As pessoas deveriam ser educadas, inteligentes, bonitas; as ações deveriam atingir seu objetivo; o tempo deveria estar bom; os preços deveriam ser baixos; e assim por diante²⁸.

Com base nessa norma, Eric pode inferir que Kate atribui a ele a expectativa de que ela deveria se sentir bem e está sendo sarcástica sobre sua esperança frustrada. Alternativamente, ou até mesmo simultaneamente, ela pode estar ridicularizando outra norma social, segundo a qual as pessoas devem sempre dizer que estão bem, independentemente de como realmente se sentem. Como no exemplo de Joe e Irma, então, o falante está atribuindo ao ouvinte uma implicação de seu enunciado — a de que ela se sente bem, ou que deveria dizê-lo —, mas, diferentemente do outro exemplo, o reconhecimento da ironia depende mais do enunciado ser ridicularizadamente inadequado, com a suposição ecoada sendo construída e a semelhança interpretativa sendo explorada numa fase posterior do processamento inferencial.

Como seria de se esperar, considerando que a ironia não é uma classe natural, mas funde-se com outros tipos de usos atributivos, ambas as

²⁸ Do original: “Norms, in the sense of socially shared ideas about how things should be, are always available to be ironically echoed when they are not satisfied. People should be polite, smart, handsome, actions should achieve their goal, the weather should be good, the prices should be low, and so on”.





propriedades-chave dos enunciados irônicos e condições necessárias para sua compreensão — o eco e a inadequação ridicularizadamente — podem estar presentes em diferentes graus. Em instâncias centrais da ironia verbal, ambas são altamente salientes. Este é o caso quando o enunciado irônico é claramente falso ou de outra forma inadequado no contexto e, ao mesmo tempo, evoca imediatamente uma alusão a uma representação facilmente acessível, como um enunciado recentemente proferido, uma opinião ou norma social generalizada, uma expectativa comum ou uma suposição altamente manifesta no ambiente cognitivo mútuo do falante e do ouvinte.

Em alguns enunciados irônicos, no entanto, uma dessas propriedades pode desempenhar um papel mais proeminente do que a outra no reconhecimento inicial da intenção irônica do falante pelo ouvinte. Se o eco for altamente saliente desde o início, ele pode direcionar o processamento para estabelecer como a proposição expressa é discrepante da realidade; se for a inadequação que se torna imediatamente aparente, ela pode estimular a busca por uma suposição que o falante possa estar ecoando. Como foi demonstrado, isso envolve examinar o contexto, explorar implicações contextuais ou implicaturas do enunciado e construir uma suposição que o ironista poderia legitimamente estar atribuindo a uma fonte.

5. O TRATAMENTO ECÓICO DAS IRONIAS ABSURDAS

Uma vez reconhecido que vários enunciados irônicos dependem dos efeitos ecóicos e da inadequação em graus variados e que essas propriedades podem emergir em diferentes pontos do processo de ajuste paralelo e mútuo, é natural esperar que algumas ironias explorem uma dessas características-chave ao máximo. Esse é o caso das ironias absurdas, exemplificadas no modelo a seguir, como discutido em Wilson (2000/2012, p. 251):

(10) a. Príncipe Charles: Olá, eu sou o Príncipe Charles

Letr@ Viv@, v. 1 n. 1 (2026)





(10) b. Operadora de telefone: E eu a Rainha de Sabá.

O absurdo de (10b) expressando a dissociação da operadora em relação à suposição de que quem ligou teria sido Príncipe Charles é um sinal altamente saliente para a ironia. Isso não é surpreendente à luz das descobertas de Colston e O'Brien (2000), que comprovaram que enunciados claramente falsos são mais eficazes em transmitir significados irônicos do que hipérboles. Disso, se pode concluir que quanto mais absurdo for um enunciado, mais fácil é reconhecê-lo como irônico. Por outro lado, pode não ser óbvio de que maneira as ironias absurdas exploram a semelhança interpretativa, uma vez que o enunciado (10b) não parece se assemelhar a uma representação que poderia ser plausivelmente atribuída a qualquer pessoa. Kapogianni (2011) discute uma série de exemplos semelhantes, denominados *ironias surrealistas*, as quais ela classifica como parte de um subtipo não ecóico de ironia. Em um dos exemplos de Kapogianni (2011), ocorre o seguinte diálogo entre um candidato a emprego azarado e um entrevistador:

(11) a. Entrevistador de emprego: Apresente-se, por favor.

(11) b. Candidato: O senhor quer que eu me apresente?

(11) c. Entrevistador de emprego: Não, você deveria cantar uma ária de *As Bodas de Fígaro* (Kapogianni, 2011, p. 57).

Outro exemplo de ironia absurda a ser considerado aqui vem de uma conversa autêntica:

(12) a. S: Quer fazer uma pausa comigo?

(12) b. J: (com um sorriso caloroso) Ursos cagam na floresta?²⁹

²⁹ Nota da autora: Agradeço a Signe Rix Berthelin (Professora do Departamento de Formação de Professores da Universidade Norueguesa de Ciência e Tecnologia) por compartilhar este exemplo comigo. A conversa foi originalmente conduzida em norueguês, no qual (12b) é uma expressão coloquial convencionalizada usada para destacar o absurdo de uma pergunta anterior.





As ironias absurdas não receberam um tratamento sistemático dentro da TR até agora, exceto por uma breve análise oferecida por Wilson (2000/2012). Em sua explicação, para a qual ela também credita Dan Sperber, (10b) assemelha-se a (10a), com a qual compartilha “uma propriedade bastante abstrata de ser obviamente falsa ou absurda”³⁰ (2000/2012, p. 251). O enunciado (10b) seria, então, um caso de ironia paródica, explorando a semelhança metalinguística, por meio da qual o falante ecoa e ridiculariza o ato de fala de afirmar (10a) e dela se dissocia e/ou de algumas de suas implicações³¹. Gostaria de argumentar que a interpretação de ironias absurdas como (10b), (11c) e (12b) envolve não apenas a semelhança metalinguística, conforme desenvolvido por Wilson (2000/2012), mas também a semelhança interpretativa, e que tais ironias podem, portanto, ser agrupadas sob uma abordagem plenamente ecóica. Deve-se notar que absurdos como (10b), (11c) e (12b) podem ser considerados ironias apenas quando aparecem como o segundo turno em um par pergunta-resposta, afirmação-comentário ou pergunta-pergunta. Isto fornece um forte suporte para a afirmação de que a semelhança é crucial e de que a representação fonte é o primeiro enunciado do par (ou alguns de seus aspectos e/ou implicações) — se a ironia surrealista envolvesse apenas contrafactualidade, por que o primeiro turno seria necessário?

A observação de que o primeiro enunciado do par elicit a suposição fonte à qual a semelhança é explorada justifica tanto a análise da semelhança metalinguística de Wilson (2000/2012) quanto minha própria proposta, formulada em termos de semelhança interpretativa. Uma explicação de como esse tipo de ironia explora a última é consistente com as observações apresentadas na seção 4: o absurdo do comentário estimula o módulo de compreensão a processá-lo como uma metarrepresentação e a derivar dele

³⁰ Do original: “a rather abstract property of being obviously false or absurd”.

³¹ Outro exemplo de ironia paródica discutido por Wilson (2000/2012, p. 250–51) é “Nossos amigos estão sempre lá quando eles precisam de nós” (Do original: “*Our friends are always there when they need us*”), que explora a semelhança metalinguística com o ditado “Nossos amigos estão sempre lá quando nós precisamos deles” (Do original: “*Our friends are always there when we need them*”). O que este exemplo compartilha com (10b) é, possivelmente, o fato de ser direcionado tanto ao conteúdo de outro enunciado quanto ao ato de fala de afirmar o enunciado em questão.





suas implicações. Uma das mais fortes, e definitivamente a pretendida pelo falante, é a implicatura³²

(10) c. Não acredito que você seja o Príncipe Charles.

A suposição fonte para o eco poderia ser, então:

(10) d. Você quer que eu acredite que você é o Príncipe Charles,

a qual, como uma implicatura de (10a), pode ser atribuída ao Príncipe Charles e ridicularizada pela operadora de telefonia. Dessa forma, a semelhança interpretativa também é estabelecida no nível dos pensamentos, entre uma das implicaturas do enunciado irônico e uma suposição atribuída ao alvo.

A resposta notoriamente absurda (11c) pode, da mesma forma, ser tratada como envolvendo semelhança metalinguística com a pergunta anterior do entrevistado. No entanto, ao mesmo tempo, ela implica fortemente

(11) d. Um candidato (que sabe como se comportar numa entrevista) não deve fazer perguntas tolas/perder tempo.

O entrevistador também provavelmente atribuirá ao candidato alguns pensamentos, que caracterizariam uma pessoa incompetente e ingênua:

(11) e. Um candidato pode fazer perguntas retóricas inúteis/conversar com o entrevistador/ganhar tempo para pensar no que dizer, etc.

Se for esse o caso, uma implicatura ou algumas implicaturas comunicadas por (11c), como as apresentadas em (11d), guardam semelhança

³² Implicações são inferências às quais uma representação dá origem; implicaturas são aquelas intencionadas pelo falante (Sperber; Wilson, 2008). As implicaturas podem ser sustentadas pelo falante em diferentes graus, sendo que as mais fracas se fundem gradualmente em implicações.





interpretativa com pensamentos atribuídos ao entrevistado com base no fato de ele parecer incompetente em seu papel de candidato a um emprego. Novamente, então, as implicaturas do enunciado absurdo carregam o eco até uma suposição (ou suposições) fonte, que parece (ou parecem) um alvo plausível para o ridículo.

Perguntas retóricas como (12b) aparentemente fornecem uma estratégia conveniente para transmitir suposições absurdas (cf. também o exemplo de Kapogianni (2011, p. 36) “E para qual planeta você está pensando em se mudar, criança?”³³, proferido em resposta a um desejo irrealista de viver em uma sociedade justa), especialmente quando são usadas em resposta a enunciados interrogativos, como em (12a–b), caso em que a exploração da semelhança metalinguística é altamente proeminente. Para observar como a semelhança interpretativa é explorada, deve-se notar que o uso de uma pergunta retórica completamente desconectada do contexto da conversa (o que a torna absurda) pode ser entendido como implicando:

(12) c. Nem precisava perguntar. (12a).

o que, por sua vez, ecoa e zomba da suposição atribuída a S., de que ela considerava necessário perguntar a J. sobre fazer uma pausa juntos.

A análise dos exemplos (10–12) apresentada acima sugere que as ironias absurdas envolvem tanto a semelhança metalinguística, como observado por Wilson (2000/2012), quanto a semelhança interpretativa. O enunciado que precede imediatamente o irônico alimenta ambos os tipos de semelhança: ele é a suposição que o falante considera absurda e, ao mesmo tempo, a suposição no contexto da qual o segundo turno, o irônico, é processado. Neste contexto, o enunciado irônico absurdo dá origem a implicaturas que podem carregar o eco de uma representação atribuída ao *indivíduo-alvo*, ou seja, ao falante do

³³ Do original: “And to which planet are you thinking of moving, child?”.





primeiro enunciado. O fato de a semelhança depender das implicaturas de um enunciado, e não diretamente da proposição expressa, não é exclusivo da ironia absurda. Como foi indicado na seção 2, a interpretação de vários tipos de enunciados metarrepresentacionais envolve percorrer cadeias de inferências de cima a baixo, exigindo que os ouvintes detectem a semelhança entre representações em diferentes níveis. Pode-se, portanto, afirmar que, embora as ironias absurdas possam ser vistas como instâncias menos centrais de ironia (devido à saliência relativamente baixa do eco), elas não constituem, de forma alguma, uma exceção nem à abordagem ecóica da ironia, nem aos princípios gerais de exploração da semelhança na comunicação.

No que diz respeito à presença de semelhança metalinguística e interpretativa nas ironias absurdas, é isso que explica seu caráter misto, paródico-irônico. Em alguns casos, possivelmente naqueles que envolvem perguntas retóricas nas quais não apenas o absurdo, mas também a forma interrogativa é compartilhada entre a representação irônica e a fonte, a semelhança metalinguística pode desempenhar um papel decisivo no processamento, cabendo à semelhança interpretativa um papel apenas auxiliar. Em outros casos, a implicatura portadora do eco pode contribuir com uma pista vital no processo de construção de uma interpretação irônica.

6. A ESCOLHA DO FALANTE

As considerações sobre as diferentes combinações de eco e inadequação levantam uma questão sobre os efeitos de se escolher um enunciado com uma das propriedades dominante sobre a outra. Uma vez que a compreensão está orientada para otimizar a relevância, a resposta deve ser buscada principalmente em referência aos efeitos cognitivos positivos e ao esforço de processamento. Sob esta perspectiva, as vantagens de destacar o eco são bastante óbvias, pois, na ironia, o ouvinte obtém a maioria dos efeitos cognitivos positivos explorando a semelhança interpretativa. Além disso, aludir a uma representação de fácil acesso, como um enunciado recentemente





proferido, mantém o custo de processamento baixo, poupando o ouvinte da necessidade de elaborar numerosas inferências às quais o eco poderia se ajustar. Maximizar o absurdo, por outro lado, traz a inadequação para o primeiro plano, o que sinaliza eficientemente que o enunciado deve ser processado como metarrepresentacional, mas, ao mesmo tempo, limita severamente a possibilidade de explorar a semelhança interpretativa. Isto se deve ao fato de que uma pessoa tem poucas, ou nenhuma, opiniões absurdas do tipo *a telefonista de plantão é a Rainha de Sabá*. Tipicamente, então, o maior efeito do processamento de uma ironia absurda será o de que o falante está ridicularizando a adequação do turno conversacional anterior, questionando ao mesmo tempo a validade das suposições que podem ser inferidas dele.

Mesmo que o esforço em se destacar a inadequação tenha o custo de reduzir o papel da semelhança, este também pode oferecer ao falante a chance de alcançar alguns efeitos interpessoais (cf. Gibbs; Colston, 2001). Supor que a afirmação ou pergunta do indivíduo-alvo é absurdamente inapropriada normalmente distanciará os interlocutores, ao mesmo tempo que possivelmente proporcionará diversão e criará um vínculo com uma terceira parte. Mas o efeito de distanciamento não precisa ser intencional, como sugere o exemplo (12b). Embora ridicularize o turno precedente, ele aumenta o vínculo (*rapport*) entre os interlocutores porque o falante demonstra uma atitude positiva em relação à sua companheira e profere (12b) para aceitar sua oferta de fazer uma pausa.

As ironias absurdas frequentemente carregam também um efeito humorístico. Isto pode ser explicado pela natureza cômica inerente ao comentário absurdo e também pela incongruência que ele introduz. Kapogianni (2011, p. 65) afirma que “esta incongruência é muito diferente daquela que existe entre o contexto apropriado e o contexto real das ironias típicas de reversão de significado”³⁴, o que se alinha bem com a ideia que ela defende de que a ironia surrealista é uma categoria distinta de ironia. No

³⁴ Do original: “this incongruity is very different from the one that exists between the appropriate and the actual context of typical ironies of meaning reversal”.





entanto, tomando o absurdo como uma manifestação extrema da inadequação, como faço, eu descreveria a diferença entre as ironias típicas e absurdas como quantitativa. Nisso, sigo a afirmação de Norrick (2003) de que a comicidade e, ao mesmo tempo, a agressividade em relação ao falante sobre cujo enunciado o humorista está ironizando, correspondem ao grau em que um turno é disruptivo para o fluxo da conversa. Uma vez que a ironia absurda introduz um roteiro conversacional altamente incompatível com o tópico da conversa em andamento, seu impacto pode ser comparado ao dos trocadilhos, que normalmente provocam um “efeito agressivo e disruptivo”³⁵ (Norrick, 2003, p. 1340).

7. CONCLUSÕES

Este artigo examinou o papel da inadequação ridicularizadora e do eco — as duas propriedades empiricamente verificadas das proposições expressas por enunciados irônicos — na derivação de uma interpretação pretendida pelo falante. Com base na observação de que as duas propriedades-chave da ironia podem não ser igualmente salientes em vários enunciados irônicos, foi proposta a análise das ironias absurdas como casos de exploração máxima da inadequação com uma dependência um pouco menos proeminente do eco de um tipo misto, o qual envolve tanto a semelhança metalinguística quanto a interpretativa.

Para fornecer um pano de fundo para a discussão sobre eco e inadequação, revisei as noções de metarrepresentação e semelhança interpretativa. Como apontado por Wilson (2000/2012), a semelhança interpretativa, definida em termos de implicações compartilhadas, pode manter-se entre pensamentos e enunciados, e envolve também as implicações dessas representações, bem como representações das quais os pensamentos e enunciados em questão são elas próprias implicações. Esta observação me

³⁵ Do original: “aggressive and disruptive effect”.





levou a argumentar que, para avaliar como os enunciados irônicos exploram a semelhança interpretativa, é necessário levar em conta não apenas a proposição expressa pelo enunciado, mas também as suas implicações/implicaturas, algumas das quais podem ressoar com suposições atribuídas ao indivíduo-alvo da ironia.

Uma vez que se considera o impacto total de um enunciado irônico, ou seja, a proposição expressa e suas implicaturas, torna-se aparente que mesmo instâncias menos típicas de ironia, às vezes vistas como uma subcategoria distinta de enunciados irônicos, são, de fato, interpretadas através da identificação e exploração da semelhança com algumas suposições atribuídas a um determinado alvo. O caso específico sob escrutínio — as ironias absurdas — envolve eco em dois níveis: no nível do ridicularizar de um ato de fala absurdo e no nível de uma crença absurda atribuída ao alvo por meio de uma implicatura do enunciado irônico. Uma vez que tanto a semelhança metalinguística quanto a interpretativa são exploradas, tais enunciados devem ser tratados como instâncias de ironia paródica. Eles oferecem ao falante a oportunidade de exibir sua criatividade, contribuindo frequentemente para variados efeitos interpessoais, incluindo humor e/ou agressão.

Este artigo explorou também algumas questões sobre o papel do significado literal na compreensão da ironia, que é tratado de forma diferente na perspectiva do acesso direto e na perspectiva da saliência graduada. Argumentei que, na explicação teórica da relevância do processo de interpretação como um ajuste paralelo e mútuo do conteúdo explícito e das implicaturas, nenhuma controvérsia precisa surgir, pois há espaço para uma proposição literal ser construída sem ser elevada ao status da interpretação do enunciado. Sendo meramente uma hipótese interpretativa, a proposição expressa cumpre sua tarefa de sinalizar a intenção irônica, torna-se metarrepresentada e é ainda explorada no curso do processamento inferencial orientado para identificar a atitude do falante, as implicaturas, o humor e possivelmente outros efeitos, aqui mencionados em uma ordem aleatória, que pode não corresponder ao funcionamento real do mecanismo de compreensão.





AGRADECIMENTOS ORIGINAIS:

Gostaria de expressar minha gratidão à Professora Deirdre Wilson por fornecer inspiração e orientação para minha pesquisa sobre a ironia. Agradeço à Professora Maria Jodłowiec por seus comentários perspicazes sobre uma versão inicial do manuscrito. Também sou grata a dois revisores anônimos, cujos comentários me ajudaram a aperfeiçoar o artigo.

AGRADECIMENTOS:

Agradecemos à Professora Agnieszka Piskorska, da Universidade de Warsaw, na Polônia, pela gentileza em nos ceder a oportunidade de traduzir este artigo diretamente para a língua portuguesa.³⁶

REFERÊNCIAS³⁷

BROMBEREK-DYZMAN, Katarzyna, 2010. Irony processing - one stage or two? *In: WAŁASZEWSKA, E., KISIELEWSKA-KRYSIUK, M., PISKORSKA, A. (Orgs.). In the Mind and Across Minds.* Cambridge Scholars Publishing, Newcastle upon Tyne, p. 208-222.

CLARK, Billy. *Relevance Theory.* Cambridge University Press, Cambridge, 2013.

COLSTON, Herbert. On necessary conditions for verbal irony comprehension. *Pragmat. Cognit.* 2000, v. 8, p. 277-324. *In: GIBBS, R. W., COLSTON, H. L. (Orgs.), 2007. Irony in Language and Thought: A Cognitive Science Reader.* Reimpressão. Lawrence Erlbaum Associates, New York, p. 97-134.

COLSTON, Herbert; O'BRIEN, Jennifer. Contrast and pragmatics in figurative language: anything understatement can do, irony can do better. *Journal of Pragmatics.* 2000, v. 32, p. 1557-1583. DOI: 10.1075/pc.8.2.02col.

CURCÓ, Carmen, 2000. Irony: negation, echo and metarepresentation. *Lingua.* 2000, v. 110, p. 257-280. DOI: 10.1016/S0024-3841(99)00041-8.

³⁶ Artigo originalmente publicado em Inglês: PISKORSKA, Agnieszka. Echo and inadequacy in ironic utterances. *Journal of Pragmatics.* 2016; v. 101, p. 54-65. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.pragma.2016.05.007>.

³⁷ Todas as datas de acesso indicadas nas referências se referem à tradução do manuscrito original.





DYNEL, Marta. Irony from a neo-Gricean perspective: on untruthfulness and evaluative implicature. **Intercultural Pragmatics**. 2013, v. 10, n. 3, p. 403-431. DOI: 10.1515/ip-2013-0018.

FEIN, Ofer; YEARI, Menahem; GIORA, Rachel. On the priority of salience-based interpretations: the case of sarcastic irony. **Intercultural Pragmatics**. 2015, v. 12, n. 1, p. 1-32. DOI: 10.1515/ip-2015-0001.

GARMENDIA, Joana. Irony is critical. **Pragmatics & Cognition**. 2010, v. 18, n. 2, p. 397-421. DOI: 10.1075/pc.18.2.07gar.

GIBBS, Raymond W. On the psycholinguistics of sarcasm. **Journal of Experimental Psychology: General**. 1986, v. 115, p. 3-15. DOI: 10.1037/0096-3445.115.1.3.

GIBBS, Raymond W. A new look at the literal meaning in understanding what is said and implicated. **Journal of Pragmatics**. 2002, v. 34, n. 4, p. 457-486. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378216601000467>. Acesso em: 16 out. 2025.

GIBBS, Raymond W. Are ironic acts deliberate? **Journal of Pragmatics**. 2012, v. 44, p. 104-115. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378216611003043>. Acesso em: 16 out. 2025.

GIBBS, Raymond W., COLSTON, Herbert L. The risks and rewards of ironic communication. In: ANOLLI, Luigi; CICERI, Andrea; RIVA, Giuseppe. (Orgs.). **Say Not to Say: New Perspectives on Miscommunication**. Amsterdam: IOS Press, 2001, p. 188-200.

GIBBS, Raymond W. *et al.* Inferring meanings that are not intended: speakers' intentions and irony comprehension. **Discourse Process**. 1995, v. 20, p. 187-203. DOI: 10.1080/01638539509544937.

GIORA, Rachel. Understanding figurative and literal language: the graded salience hypothesis. **Cognitive Linguistics**. 1997, v. 8, n. 3, p. 183-206. DOI: 10.1515/cogl.1997.8.3.183

GIORA, Rachel. On the priority of salient meanings: studies of literal and figurative language. **Journal of Pragmatics**. 1999, v. 31, p. 919-929. DOI: 10.1016/s0378-2166(98)00100-3

GIORA, Rachel. **On our Mind: Salience, Context, and Figurative Language**. New York: Oxford University Press, 2003.





GRICE, Herbert Paul. Logic and conversation. In: Cole, P., Morgan, H. (Orgs.), *Syntax and Semantics*, vol. 3: *Speech Acts*. New York: Academic Press, 1975. Reimpressão: In: GRICE, Herbert Paul. *Studies in the Way of Words*. Cambridge: Harvard University Press, 1989, p. 22-40/p. 41-58. Reimpressão: In: GRICE, Herbert Paul. **Studies in the Way of Words**. Cambridge: Harvard University Press, 1989, p. 22-40.

GRICE, Herbert Paul. Further notes on logic and conversation. In: Cole, P. (Ed.), *Syntax and Semantics*, vol. 9: *Pragmatics*. New York: Academic Press, 1978. Reimpressão: In: GRICE, Herbert Paul. *Studies in the Way of Words*. Cambridge: Harvard University Press, 1989. p. 41-57/p. 113-212. Reimpressão: In: GRICE, Herbert Paul. **Studies in the Way of Words**. Cambridge: Harvard University Press, 1989, p. 41-57.

GRÜNEWALD, José Lino. **Grandes poetas da língua inglesa do século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

GUTT, Ernst-August. **Translation and Relevance: Cognition and Context**. 2^o Ed. Manchester: St. Jerome Publishing, 2000.

HAVERKATE, Henk. A speech act analysis of irony. **Journal of Pragmatics**. 1990, v. 14, p. 77-109.

JODŁOWIEC, Maria. The implicit revisited. In: PISKORSKA, Agnieszka. (Org.), **Relevance Studies in Poland**, vol. 4: *Essays on Language and Communication*. Warsaw: Wydawnictwa Uniwersytetu Warszawskiego, 2012, p. 64-74.

JODŁOWIEC, Maria. **The Challenges of Explicit and Implicit Communication: A Relevance-theoretic Approach**. Frankfurt: Peter Lang, 2015.

JORGENSEN, Julia; MILLER, George A.; SPERBER, Dan. Test of the mention theory of irony. **Journal of Experimental Psychology: General**. 1984, v. 113, p. 112-120. DOI: 10.1037/0096-3445.113.1.112

KAPOGIANNI, Eleni. Irony via “surrealism”. In: Dynel, M. (Org.), **The Pragmatics of Humour Across Discourse Domains**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011, p. 51-68.

KUMON-NAKAMURA, Sachi; GLUCKSBERG, Sam; BROWN, Mary. How about another piece of pie: the allusional pretense theory of discourse irony. **Journal of Experimental Psychology: General**. 1995, v. 124, p. 3-21. DOI: 10.1037/0096-3445.124.1.3

NOH, Eun-Ju. **Metarepresentation**. A relevance-theory approach. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.





NORRICK, Neal R. Issues in conversational joking. *Journal of Pragmatics*. 2003, v. 35, p. 1333-1359. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(02\)00180-7](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(02)00180-7). Acesso em: 27 out. 2025.

PADIILLA CRUZ, Manuel. Metarepresentations and phatic utterances: a pragmatic proposal about the generation of solidarity between interlocutors. In: CAP, Piotr, NIJAKOWSKA, Joanna. (Orgs.). **Current Trends in Pragmatics**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2007a. p. 110-128.

PADIILLA CRUZ, Manuel. Can irony be phatic? A relevance-theoretic proposal. In: Losada Friend, M., Ron Vaz, P., Hernández Santano, S., Casanova, J. (Orgs.), **Proceedings of the 30th International AEDEAN Conference**, 2007b. CD ROM ed. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Huelva, Huelva. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/51410721.pdf>. Acesso em: 27 out. 2025.

PADIILLA CRUZ, Manuel. 2010. Metarepresentation and indirect complaints: a relevance-theoretic approach. In: WAŁASZEWSKA, Ewa, KISIELEWSKA-KRYSIUK, Marta, PISKORSKA, Agnieszka. (Orgs.). **In the Mind and Across Minds: A Relevance-theoretic Perspective on Communication and Translation**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, p. 167-187.

SPERBER, Dan. Verbal irony: pretense or echoic mention? *Journal of Experimental Psychology: General*. 1984, v. 113, p. 130-136.

SPERBER, Dan. Understanding verbal understanding. In: KHALFA, Jean. (Org.), **What is Intelligence?** Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 179-198.

SPERBER, Dan. Metarepresentations in an evolutionary perspective. In: Speber, Dan (Org.). **Metarepresentations**. Oxford: Oxford University Press, 2000a, p. 117-137.

SPERBER, Dan (Org.). **Metarepresentations: A Multidisciplinary Perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2000b.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. Les ironies comme mentions. *Poétique*. 1978, v. 36, p. 399-412.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. Irony and the use-mention distinction. In: COLE, Peter. (Org.). **Radical Pragmatics**. New York: Academic Press, 1981, p. 295-318.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. **Relevance: Communication and Cognition**, 2º Ed. Oxford: Blackwell, 1986, p. 1995.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. Irony and relevance. A reply to Seto, *Letr@ Viv@*, v. 1 n. 1 (2026)





Hamamoto and Yamanashi. In: CARSTON, Robyn; UCHIDA, Seiji. (Orgs.). **Relevance Theory: Applications and Implications**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998a, p. 283-293.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. The mapping between the mental and the public lexicon. In: CARRUTHERS, P; BOUCHER, J. (Orgs.). **Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998b. Reimpressão: WILSON, Dan; SPERBER, Dan. **Meaning and Relevance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 31-46, p. 184-200. Reimpressão: WILSON, Dan; SPERBER, Dan. **Meaning and Relevance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 31-46.

SPERBER, Dan, WILSON, Deirdre. A deflationary account of metaphors. In: GIBBS, Raymond W. (Org.), **The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 84-105.

VINAY, Jean-Paul, DARBELNET, Jean. **Comparative Stylistics of French and English: A Methodology for Translation**. Tradução de SAGER, Juan C.; HAMEL, Marie Joséé. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

WILSON, Deirdre. Metarepresentation in linguistic communication. In: SPERBER, Dan (Org.), **Metarepresentations**. Oxford: Oxford University Press, 2000. Reimpressão: WILSON, Dan; SPERBER, Dan. **Meaning and Relevance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 230-258/p. 411- 448. Reimpressão: WILSON, Dan; SPERBER, Dan. **Meaning and Relevance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 230-258.

WILSON, Deirdre. The pragmatics of verbal irony: Echo or pretence? **Lingua**. 2006, v. 116, p. 1722-1743. DOI: 10.1016/j.lingua.2006.05.001. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0024384106001124?via%3Dihub>. Acesso em: 03 nov. 2025.

WILSON, Deirdre. Irony and metarepresentation. **UCL Working Papers in Linguistics**. 2009, v. 21, p. 183-226. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Deirdre-Wilson-2/publication/293080379_Irony_and_Metarepresentation/links/56dd857208ae628f2d249d89/Irony-and-Metarepresentation.pdf. Acesso em: 27 out. 2025

WILSON, Deirdre. Irony comprehension: a developmental perspective. **Journal of Pragmatics**. 2013, v. 59, parte A, p. 40-56. Disponível e: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2012.09.016>. Acesso em: 27 out. 2025.

WILSON, Deirdre; SPERBER, Dan. On verbal irony. **Lingua**. 1992, v. 87, p. 53-76. Reimpressão: In: GIBBS, Raymond W; COLSTON, Herbert L. (Orgs.). **Irony in Language and Thought: A Cognitive Science Reader**. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2007, p. 35-55. DOI: 10.1016/0024-3841(92)90025-E.





WILSON, Deirdre; SPERBER, Dan. Linguistic form and relevance. *Lingua*, 1993, v. 90, p. 1-25.

WILSON, Deirdre; SPERBER, Dan. Explaining irony. In: WILSON, Deirdre, SPERBER, Dan (Orgs.), **Meaning and Relevance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 123-145.

YUS, Francisco. Irony: context accessibility and processing effort. **Pragmalingüística**. 1998. v. 5-6, p. 391-411. DOI: 10.25267/Pragmalinguistica.1997.i5.17. Disponível em: <https://revistas.uca.es/index.php/pragma/article/view/530/464>. Acesso em: 03 nov. 2025.

YUS, Francisco. On reaching the intended ironic interpretation. **International Journal of Communication**. 2000, v. 10, n. 1-2, p. 27-78. Disponível em: <https://personal.ua.es/francisco.yus/site/Reaching.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2025.

YUS, Francisco. **Humour and Relevance**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2016.

